

da dificuldade à delicadeza a arte de sustentar a radicalidade da mudança

por Ana Biglione

Em muitas das consultorias, formações e espaços de aprendizagem que atuo a palavra “difícil” aparece recorrentemente. Cada vez que a gente se depara com algo que é diferente do usual, a reação é essa: alocamos na compreensão “difícil”. Por exemplo, o entendimento de que os processos de transformação social envolvem pessoas, são vivos e complexos e que, como tais, não são passíveis de serem gerenciados na mesma lógica de gestão que gerenciamos objetos ou produtos... gera a reação: difícil. Esse entendimento, que tem sido fruto de diversas reflexões das quais participei nos últimos tempos, pressupõe que todo um jeito de organizarmos nossos projetos e iniciativas precisa de revisão. Não só os projetos, mas também nosso olhar precisa de ajustes, e as habilidades que precisamos desenvolver são outras. Já não é preciso entender tanto de planilhas e prazos quanto de relações, ou mesmo de como funcionam as dinâmicas daquilo que é vivo. Mas entender o âmbito das relações e dinâmicas é algo que costuma demandar bem mais tempo, atenção e auto-consciência do que gerenciar planilhas. Difícil.

Então, muitas vezes, pra justificar o difícil, rotulamos alguns pressupostos como nossas desculpas prediletas. Pragmatismo, por exemplo, está quase virando sinônimo de ausência de reflexão. A justificativa perfeita para seguirmos meio anestesiados frente a falta de tempo, que me parece ser uma das questões mais vivas das pessoas que vivem em centros urbanos da atualidade. “Não posso parar pra refletir por horas sobre as relações, ou mesmo mergulhar em um processo de aprendizagem sobre isso, sou a favor de uma postura mais pragmática.” Estou bem querendo me aprofundar mais nessa escola de filosofia - o pragmatismo - mas uma ida rápida ao wikipedia diz que as críticas a ela são que justamente ela fomenta uma cultura utilitarista (não é dela que estamos tentando sair?), e os contra argumentos dos pragmáticos é que seu “objetivo é justamente levar à reflexão sobre o que é o melhor para a humanidade, refletindo sobre as mudanças necessárias para se adequar ao contexto dinâmico das nossas sociedades.”[1] Ou seja, até o pragmatismo defende um espaço de reflexão. Do que então estamos fugindo, afinal? Do difícil?

[1] <https://pt.wikipedia.org/wiki/Pragmatismo>



Pois é, é difícil encarar o difícil. Em uma sociedade como a nossa, ter um olhar que foge do *mainstream* é quase um convite a se retirar dela. Será que todos que começam a olhar pro mundo a partir de uma ótica com mais complexidade, mais viva e humana serão necessariamente excluídos ou convidados a irem viver em guetos? Sustentar uma postura como essa, que preza por aspectos diferentes dos predominantes, pode se tornar impossível em determinados meios. Como explicar, por exemplo, que mais tempo investido em uma bela reflexão vai poupar muito tempo gasto com insignificâncias? Podemos também até falar de complexidade - palestras e ideias sobre isso estão altamente em moda - mas fazer o que é necessário para torna-la real, o que deveria ser tarefa primordial de pragmáticos, tornou-se quase hercúleo. Há pouco tempo, pouca predisposição ao erro, pouco interesse pelo diferente, pouco espaço para fazer o que é necessário de forma consistente. A ideia agrada. A prática desafia e questiona.

E além disso, rapidamente, quando você toma um pouco mais de consciência, essas percepções dos desafios do *mainstream* se voltam a você. Como será que você, que tem buscado desenvolver esse olhar mais complexo e vivo na prática, tem se relacionado com o tempo, com o erro, com o interesse pelo diferente? Ou você também tornou-se a minoria que mantêm-se minoria ao não se abrir ao todo? Em que medida manter-se fiel a um novo jeito - vivo e complexo - de lidar com as situações torna-se rejeitar o antigo? Ainda que a proposta não seja rejeitar o antigo, mas ponderá-lo, isso, em si, não seria uma forma de rejeição? E se o que você propõe como mudança na verdade não está mudando quase nada? E se a grande mudança for não tentar mudar nada?

Há uma contradição inerente a quem se vê praticando uma abordagem que considera a complexidade e as dinâmicas e leis do que é vivo ao relacionar-se com as situações sociais. No lugar de um ativismo que confronta, de uma postura que impõe o que acredita, há que crescer uma abordagem que contemple abertura para aprender a partir daquilo que está sendo vivido naquele determinado momento e situação, entre todos. Sendo bem pragmática, isso significa reconhecer que não temos respostas, se abrir a novas percepções, se dedicar a compreender, se esticar daquilo que se pensa. Há que se buscar a criação de espaços para que todos possam ver (a si mesmos e a situação em si) e serem vistos de uma forma única e condizente com aquele determinado fenômeno que está sendo vivido ali. Essa prática, de buscar compreender, a partir de uma postura de receptividade ativa frente a situação que se está lidando, tem sido chamada de *ativismo delicado*[2].

Talvez por conta desse nome, comecei a questionar essa história de difícil. E se a gente começasse a olhar para o que normalmente nomeamos como difícil como delicado? Será que é mesmo difícil mudar uma prática de gestão de um projeto ou é uma tarefa delicada? Será que é difícil cuidar do tempo, compreensão e cuidado, ou esses são aspectos centralmente delicados de observarmos? No meu caso, que ultimamente tenho me deparado com diversas situações que eu poderia nomear difíceis, o delicado tem me caído bem. Como me trazer por inteiro em relações que costumam valorizar uma postura política? Delicado. Como não me tornar exatamente o que estou tentando mudar no mundo? Delicado. Como lidar com as incoerências que existem em mim e no mundo? Delicado.

"(...) Um ativismo verdadeiramente radical, então, não falhará em reconhecer que ele vive dentro do mundo que está tentando mudar, que qualquer mudança acarretará a sua própria mudança e se seguirá a partir dele." [3]

Ao olhar como delicado, parece que se abre uma nova porta que é radicalmente diferente da usual. É como se o difícil ainda nos mantivesse em um lugar de luta, de convencimento de fora pra dentro. O delicado nos convida a prestar atenção e a nos percebermos como parte da questão, movê-la por conseguir adentrar-se a ela. Talvez eu não tenha mesmo que resolver a questão das desculpas dadas em nome do pragmatismo. Mas talvez eu possa tentar ver mais sobre isso e ajudar as pessoas que nomeiam isso a verem mais sobre isso também. Assim, quem sabe, poderemos chegar a novos lugares juntos, criarmos e abriremos novas possibilidades. Delicado. Como uma pétala de flor. Ou a seriedade de um sorriso de criança.

[3] Kaplan, Allan & Davidoff, Sue. O Ativismo Delicado.